

São Paulo  
2009

© 2009 – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte/Universidade de São Paulo

Rua da Reitoria, 109 A

05508-900 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.Fax.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br      www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

ISBN 978-85-7229-637-1



Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca Lourival Gomes Machado do  
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

---

Poéticas da natureza / coordenação geral Katia Canton. São Paulo : PGEHA / Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2009.

Xx p. ; il.

ISBN 978-85-7229-637-1

1. Paisagem na Arte. 2. Teoria da Arte. 3. Crítica de Arte. 4. Artes Plásticas – Brasil  
I. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte – USP. II. Canton, Kátia

CDD – 704.9436

---

Capa: Imagens da Exposição *Poéticas da Natureza*,  
sob curadoria de Katia Canton, realizada entre abril e agosto de 2008,  
no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo  
(Parque Ibirapuera)

A presente documentação é um desdobramento do Congresso Poéticas e Políticas da Natureza, realizado nos dias 21 e 22 de agosto de 2008, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo e pelo Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes – ECA USP

## Alguns aspectos da paisagem na arte

Evandro Nicolau

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte – USP

O exercício de observar a natureza em perspectiva, a uma longa distância, provoca a impressão de que há um congelamento do que se vê. É possível, nesse momento, estabelecer uma relação alterada com a percepção da passagem do tempo. Parece que há uma eternidade no instante, como se as coisas fossem imutáveis e o tempo não existisse. Mas, ao dedicar-se nesse debruçar espontâneo e dar-se o tempo de permanecer frente a uma cena começa-se a notar todas as variações que a paisagem vai sofrendo. Há uma sensação de imobilidade na paisagem, quando a observamos a certa distância e por um tempo curto. Lançar o olhar para a linha do horizonte, ao ar livre causa a impressão de que vemos coisas inertes, para, posteriormente, notarmos uma “lentidão” no movimento do que começamos a perceber. A percepção da passagem do tempo nestas situações parece que se altera, e temos a sensação, à primeira vista, de que tudo está parado. Somente aos poucos vamos notando as mudanças de luminosidade, árvores e plantas sendo movidas pelo vento, as nuvens se modificando e grupos de pássaros que voam pelo ar. A linearidade dessas mudanças é percebida em bloco. É quase como ver uma encenação, um filme produzido por essas inúmeras alterações que vão ocorrendo ininterruptamente conforme o tempo passa e nos entregamos à condição de espectadores. Há um dinamismo constante na natureza, que somente é percebido quando paramos para observá-la, nos concentrando no olhar sobre a paisagem.

Os espaços naturais, habitados pelas plantas, animais e seres de toda espécie, sempre foram motivo de curiosidade e também de temor por parte dos homens. No princípio do desenvolvimento da espécie humana, a natureza continha muitos perigos, e para que fosse conhecida melhor, era preciso enfrentar essas adversidades. Na medida em que a selva vai sendo conhecida, manipulada, e não podemos deixar de dizer, começa a ser destruída, a ação do homem sobre o mundo natural o torna, aparentemente, moldável, planejável, transformando-se em agricultura, ocupação urbana, cultura. É em meio a esse processo que os artistas vão registrando, representando e agindo sobre a paisagem, produzindo uma arte que é relacionada com o espaço que nos circunda.

A arte figurativa, fundamentalmente européia, encontra como um de seus principais temas, a representação da paisagem. Num primeiro momento, a representação da paisagem

é bastante simbólica, e denota muito mais um caráter de mistério, continente de perigos, do que uma busca por beleza ou mesmo uma representação verossímil de seus elementos. Podemos perceber essas características nas paisagens que aparecem na arte medieval, que são colocadas como um cenário para representações de imagens sagradas ou mitológicas. Embora haja o elemento natural, essas paisagens servem como fundo, cenografias, em que a presença humana se insere como centro da composição.

Com o desenvolvimento humano das técnicas e a conseqüente exploração cada vez maior do homem sobre a natureza, a floresta vai se transformando em espaço fechado, cercado. Conforme o autor Kenneth Clark<sup>1</sup> (*A Paisagem na Arte*) a palavra paraíso tem origem persa e significa “espaço rodeado por muros”. Este étimo coloca a presença humana em busca de um isolamento ou sobreposição da cultura ante o ambiente natural, estabelecendo a idéia de manipulação do homem sobre a natureza. De fato, a humanidade vai desenhando sobre o planeta. Vai alterando sua geografia e construindo paisagens marcadas pela ação do homem. Num primeiro momento o exercício é de observar o que existe no mundo em natura. Uma aproximação em busca de inventariar o espaço e seus componentes. Boa parte da relação da arte com a paisagem se dá na forma de investigação, um desses exemplos ocorre no Brasil colonial, durante a ocupação holandesa em Pernambuco no século XVII.

### Primeiras pinturas do Brasil

O pintor holandês Frans Post, membro da esquadra liderada pelo Conde Maurício de Nassau, foi o primeiro artista a registrar imagens pictóricas das Américas. Post ficou incumbido de registrar a paisagem da região e também as construções que os colonizadores estavam fazendo. A tela *Vista de Itamaracá* é, provavelmente, a primeira pintura a óleo realizada no Novo Mundo, e é interessante pensar como esse pintor de formação clássica percebeu a luminosidade e as diferenças da natureza dos trópicos em relação à Europa.

Sabe-se que Post realizou, nos seis anos que permaneceu no Brasil, vinte e oito pinturas, das quais restam apenas dezoito, e centenas de desenhos que serviram como matéria-prima para a sua produção posterior. De volta à Holanda Frans Post se manteve pintando, usando seus desenhos e recombinando de memória os elementos tropicais das paisagens brasileiras que conheceu, até o final de sua carreira.

Após o inventário, a relação com a paisagem pode se conformar em uma pesquisa de suas transformações a partir de uma percepção de um tempo mais prolongado. Existem inúmeras mudanças, e transformações na natureza alteram a paisagem dia após dia. Um dia de sol é diferente de um dia de chuva. As intempéries podem erodir o solo, a vegetação sofre

1. CLARK, 1961.

de queimadas, é ar  
entre diversas tran

### Paisagem orien

O pintor jap  
Fuji, que fica nas  
presente na cultur  
gens em muitas v  
Hokusai a pintura  
os pontos de vista  
estações do ano. C  
montanha, que é c  
sobre a natureza, e  
observações, dive

Para além é  
modifica seu dese  
A isto podemos ch  
da Geografia.

### Fotografia da p

A paisagen  
tem seu maior de  
paisagem urbana,  
alemão Michel W  
na 25ª Bienal Inte  
cidade de Berlim  
lado socialista, l  
com demolições  
de filme fotográf  
câmeras em volta  
(imagem 3). As cé  
com o seu obtura  
urbana. O resulta  
o registro de um  
essante notar na :

de queimadas, é arrancada em desmatamentos, ou uma construção ser inserida na paisagem, entre diversas transformações que ocorrem em seqüencialmente.

### Paisagem oriental

O pintor japonês Hokusai realizou mais de uma centena de pinturas de visões do monte Fuji, que fica nas imediações da cidade de Tóquio. A pintura de paisagem esteve sempre presente na cultura oriental, se desenvolvendo tanto no Japão quanto na China. Essas paisagens em muitas vezes vão se tornando quase completamente abstratas, mas no caso de Hokusai a pintura é figurativa. Para as suas representações do monte Fuji, Hokusai variava os pontos de vista, assim como pintava em horários diferentes do dia e também seguindo as estações do ano. Com esse procedimento o artista fez um registro poético que apresenta essa montanha, que é o cartão postal do Japão, em amplos e variados aspectos. No seu debruçar sobre a natureza, esse artista realizou um conjunto de registros, captando, por suas múltiplas observações, diversos aspectos de uma mesma paisagem.

Para além da observação e investigação da natureza, a espécie humana a transforma, modifica seu desenho original, erigindo casas, construções, edifícios, se organiza em cidades. A isto podemos chamar de paisagem cultural, em relação à paisagem natural, segundo termos da Geografia.

### Fotografia da paisagem

A paisagem urbana tem ampla divulgação a partir do século XX, quando a fotografia tem seu maior desenvolvimento e popularização. Uma abordagem bastante interessante da paisagem urbana, capturada por câmeras fotográficas, são os registros feitos pelo fotógrafo alemão Michel Wasely. Este artista fez uma série de trabalhos, que estiveram em exposição na 25ª Bienal Internacional de São Paulo, em que registravam a reconstrução do centro da cidade de Berlim oriental. Após a queda do muro que dividia a cidade entre lado capitalista e lado socialista, houve um trabalho de modernização do lado oriental (socialista) da cidade com demolições ou reformas de prédios e a construção de outros. Wasely, usando um tipo de filme fotográfico especialmente desenvolvido para longas exposições, instalou várias câmeras em volta dessas obras de construção civil, localizadas na praça *Potsdamer* em Berlim (*imagem 3*). As câmeras fotográficas ficaram ali por um período de mais ou menos dois anos, com o seu obturador aberto capturando a passagem do tempo e as mudanças na paisagem urbana. O resultado dessa pesquisa são imagens sobrepostas, quase fantasmagóricas, onde o registro de um prédio que desaparece é superposto a outro que vai se erguendo. É interessante notar na imagem o céu recortado pelo movimento do sol, que deixa um rastro branco

no cinza ao mudar sua posição segundo as estações do ano. Este trabalho deixa de lado o fator do instantaneísmo na fotografia e traz uma discussão de temporalidade, que mostra a transformação do espaço urbano, que neste caso tem uma ligação direta com as mudanças de regime político e estrutura social. São registros em imagens únicas, na forma de fotografia, de uma dimensão temporal do trabalho humano, do permanente estado de mutação e da interferência da cultura no ambiente.

### Interferências no ambiente

Com o crescimento das cidades o lugar destinado à natureza fica circunscrito a espaços criados artificialmente dentro da *urbis*. Praças, jardins, bosques e parques públicos se tornam reduto da natureza no desenho urbanístico. Nesse aspecto a paisagem ganha outros significados, sendo estes lugares destinados à busca de um contato diverso do concreto, dos prédios e das construções. O artista búlgaro Christo e sua companheira Jean-Claude pensam e realizam obras que se integram e interagem diretamente com a natureza, a partir de intervenção no espaço. Um dos trabalhos recentes do casal foi realizado no ano de 2005, na cidade de Nova York, no Central Park. O trabalho dos artistas consistiu na criação de dezenas de portais com cortinas cor laranja, que ficavam enfileirados pelos caminhos do parque. Essa intervenção na paisagem da cidade, intitulada *The Gates*, deu vivacidade ao parque, pelo seu colorido que se integrava a sua paisagem. Esse trabalho possui a peculiaridade de não ser uma representação da paisagem, mas sim consistir em uma ação do artista ao colocar objetos que a modificam, trazendo-lhe outras possibilidades de visão e de significados. Esse gênero artístico contemporâneo é conhecido como *land art* (arte da terra) ou *enviromental art* (arte ambiental) por consistir em colocar, normalmente em grandes dimensões, materiais que interferem no espaço natural.

### Natureza, humanidade e destruição

Pensar no predomínio da espécie humana sobre a natureza é algo que nos leva quase a uma sensação de separação dos humanos do mundo natural. Essa percepção, bastante equivocada, faz com que não nos demos conta do potencial destrutivo do homem. Se antes a natureza era sinal de perigo para os seres humanos, hoje os seres humanos são uma ameaça para as florestas e a todas as vidas que existem nela. O artista polonês, radicado no Brasil desde os anos 1940, Frans Krajcberg usa sua obra para denunciar e refletir sobre a destruição das florestas brasileiras. Krajcberg utiliza como material do seu trabalho restos de queimadas que destroem as matas, e produz esculturas que retomam uma beleza essencial das árvores, mas que estão carregadas de dramaticidade, já que estão mortas. Este artista busca realizar

uma obra engaja  
da arte, nos faz

As conse  
incertas. É evid  
ou mesmo super  
de representaçã  
como superior, c  
dimensionament  
nos importa, est  
tão somente part

Indicação de site

[www.sorabji.com/](http://www.sorabji.com/)  
[www.aikikai.it/rivi](http://www.aikikai.it/rivi)

### Bibliografia

- ALMEIDA, Marta  
de Serralves
- BIENAL INTERN.  
cidadcs. São
- CLARK, Kenneth.
- COLÓQUIO INTE  
Paulo: CBH
- FUNDAÇÃO BIEN  
Associação l
- KASTNER, Jeffrey;  
movements)
- LE CORBUSIER; I  
200 p. (Deba
- LEVY, Carlos Rob  
Pinakothek.
- MORAIS, Frederic  
127 p.
- SALGUEIRO, Helia  
São Paulo: C

uma obra engajada na luta pela preservação das matas e das florestas, procurando, por meio da arte, nos fazer pensar sobre o papel da humanidade dentro do planeta.

As conseqüências que essas ações humanas terão sobre o futuro do planeta Terra são incertas. É evidente e necessário percebermos que não somos separados ou independentes ou mesmo superiores à natureza, mas que fazemos parte dela. A paisagem na arte é um estilo de representação que tenta colocar o homem em relação ao espaço. Muitas vezes ele é visto como superior, outras, apenas como uma parte pequenina da composição. É em busca desse dimensionamento, de encontrar o nosso lugar dentro da natureza que nos cerca que a paisagem nos importa, estabelecendo e nos mostrando que não somos nem mais, nem menos, somos tão somente parte dentro de um todo.

#### Indicação de sites:

[www.sorabji.com/\\_/the\\_gates](http://www.sorabji.com/_/the_gates)

[www.aikikai.it/riviste/3101/hokusai](http://www.aikikai.it/riviste/3101/hokusai)

#### Bibliografia

- ALMEIDA, Marta Moreira de (ed.). *Na paisagem*: coleção da Fundação de Serralves. Porto: Fundação de Serralves, 2002. 103 p.
- BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO, 25., 2002, São Paulo. *Iconografias metropolitanas*: cidades. São Paulo: Fundação Bical, 2002. 448 p.
- CLARK, Kenneth. *Paisagem na arte*. 1. ed. Lisboa: Ulisséia, 1961. 90 p.
- COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ARTE, 1., 1999, São Paulo. *Resumos...* São Paulo: CBHA/CNPq/FAPESP, 2000. 80 p.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. *Mostra do redescobrimento*: o olhar distante. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000. 303 p.
- KASTNER, Jeffrey. *Land and environmental art*. London: Phaidon, 1998. 304 p. (Themes and movements).
- LE CORBUSIER; MACHADO, Lúcio. *Planejamento urbano*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1971. 200 p. (Debates, 37)
- LEVY, Carlos Roberto Maciel. *Iconografia e paisagem*: Coleção Inglesa. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1994. 257 p.
- MORAIS, Frederico. *O Brasil na visão do artista*: a natureza e as artes. São Paulo: Prêmio, 2001. 127 p.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti (coord.). *Paisagem e arte*: a invenção da natureza, a evolução do olhar. São Paulo: CBHA/CNPq/FAPESP, 2000. 452 p.